

POR FEIRAS E ROMARIAS ENTRE DOURO E MINHO A MEADOS DO SÉCULO XVIII. (PONTE DO LIMA/ ARCOS DE VALDEVEZ)

AURÉLIO DE OLIVEIRA

Professor Catedrático da Universidade do Porto (Ap.)

Nota introdutória

I.

1. Praticamente, todos os actuais centros de romarias ou grandes feiras (que muitas vezes coincidem nos mesmos dias e nas mesmas terras) e que hoje se procuram integrar no chamado turismo religioso (ou simplesmente no roteiro turístico), têm geralmente um passado longínquo. Alguns desses locais mantiveram até à actualidade a sua existência ainda que outros se tenham perdido e mesmo apagado, relegados para meras referências e vivências paroquiais. A evolução da religiosidade entre as gentes e do sentimento religioso e devocional, muito para isso contribuiu sendo seguro que a secularização verificada por todo o lado e também pelo Entre Douro e Minho particularmente acentuada, sobretudo, com a segunda metade do século XVIII, também muito para isso veio a contribuir.

2. Os locais e centros de romagem e festa foram no passado a quase única oportunidade de folguedos, verdadeira catarsis para a vida penosa do quotidiano e, por isso, tiveram nesse passado, uma presença e uma importância muito mais activa e importante do que na actualidade, em que as oportunidades de diversão e de ocupação dos tempos livres (conceito e realidade que no passado nem sequer existiam) têm outra dimensão tal como os momentos e circunstâncias do dirimir de conflitos e tensões sociais se transportaram (ou se tendem a transportar) para outros cenários e outros parâmetros.

3. Procura-se hoje, perante a realidade económica e do que representa o Turismo, reabilitar, reactivar e reconstituir esses locais integrando-os, de plena actualidade, com aqueles que, porventura, se apagaram e que hoje dentro dessa mesma realidade da fruição turística, todos procuram activar conscientes da importância económica e social de quem procura e de quem pode oferecer ou propor esses itinerários, agora, dentro de uma perspectiva histórico-cultural integrando economia, cultura e sociedade. Também como factor de desenvolvimento, em algumas circunstâncias de efectiva subsistência, de muitas comunidades, que vêm perdendo aceleradamente a importância das suas actividades tradicionais, essencialmente ligadas ao sector primário e, às vezes, também, diga-se, ao secundário por modesto que tenha sido. Aqui, a arqueologia industrial, tem prestado inestimáveis contributos.

Têm-se explorado, pois, nos últimos tempos, esta vertente do Turismo religioso e histórico-cultural, que teve em Braga ou a partir de Braga iniciativa pioneira com a criação da Turel – Turismo Cultural e Religioso de iniciativa do Rev.do Cónego Eduardo Melo Peixoto a quem, com esta modesta intervenção, se presta homenagem. Por outro lado, a generalidade destes centros, Ermidas, Capelas ou Santuários implantaram-se em locais de inegável beleza física. A fruição panorâmica, hoje também, um quesito indispensável ou apetecível para a fruição turística do território e da paisagem. Nos tempos passados não teve essencialmente essa principal preocupação, ainda que ela tivesse vindo a avultar entre as exigências do Viajante (ou turista) da altura que percorria o território ou certas regiões desse território. O Século XIX com a corrente do Romantismo marca, neste aspecto, uma etapa importante, levando a paisagem para dentro da própria obra literária. A fruição física e anímica da paisagem, de certos locais (destes locais do religioso) foi intencionalmente buscada e procurada. Como exemplo, dos estrangeiros, cite-se por todos, W. Beckford ou Lady Jackson e dos nacionais, Camilo (com as suas romagens ao Bom Jesus do Monte). Seria, porém, imprudente negar por completo ao romeiro de antanho (a sua diversidade era, aliás, muito grande), essa vertente. O impacto, o lenitivo, a sublimação que o enlevo físico sempre representava face ao cansaço da “paisagem” do quotidiano estiveram sempre naturalmente presentes. Sempre, seguramente, mais um pretexto de louvar e enaltecer o Criador. Todavia, a enorme simbologia das alturas (das montanhas e colinas, como do lugar ermo e deserto) era sem, dúvida, o apelativo principal do romeiro e devoto de então. (E este aspecto não se perdeu no romeiro, hoje seja ele crente, seja ateu o incrédulo. (Mais uma vez, se pode remeter para Camilo).

4. É nossa intenção fazer uma reconstituição histórica dos centros devocionais de romagem (como das feiras coincidentes) para o conjunto da Província do Entre Douro e Minho a meados do Século XVIII, dando conta do que persiste ou se reforçou e do que se perdeu e apagou. Conhecer ou reviver (e aproveitar) a realidade histórica e socio-cultural daqueles tempos (como até da sua importância económica no seio das sociedades locais quando, por ventura, tenham coincido com as feiras ou grandes feiras anuais, a que alguns centros de romagem deram origem ou alimentaram), constitui hoje uma dimensão importante. Dada largueza desse projecto de trabalho, ficar-nos-emos, aqui, pela realidade concelhia de Ponte do Lima e dos Arcos e Valdevez.

II.

1 Não é objecto desta nossa intervenção proceder a um itinerário histórico-documental das romarias e feiras actualmente em manutenção ou reconstituição nos Concelhos aqui enunciados. Seria uma tarefa longa que implicaria um trabalho

monográfico sobre cada uma das terras e destas realidades enunciadas – Feiras e romarias do Minho, isto é, Feiras e romarias em Ponte do Lima e Arcos de Valdevez.

Tão pouco também “perdermo-nos” numa reconstituição ou apreciação sociológicas deste fenómeno da romagem e da romaria que, para não cairmos na banalidade e no lugar-comum das interpretações sociológicas de carácter meramente descritivo, implicaria, necessária e obrigatoriamente, o conhecimento histórico-documental das realidades rurais e urbanas das povoações a que dizem respeito para além do quadro geral da Província em que se inserem (sem prejuízo de, as mesmas realidades ou idênticos travejamentos estruturais, ultrapassarem os quadros estritamente locais ou regionais). Aspectos que largamente nos poderiam prender mas que ficam, também, por ora, de lado.

Não indagámos, por isso, para as terras e os casos aqui encontrados, sobre a origem histórica i. é, datas da implantação e origem das devoções encontradas como da sua evolução posterior à data aqui enunciada – meados do Século XVIII.

Reconhecer-se-á que não são aspectos de somenos pois, de facto, umas estariam já extintas a meados do Século XVIII, outras a radicar-se cada vez mais e outras a implantar-se, sendo que muitas outras, tiveram a sua sorte e o seu percurso maior em tempos posteriores: Citaria apenas dois exemplos no contexto do Entre Douro e Minho; o caso do Bom Jesus que no Século XIX se disse “o santuário por excelência do Minho”. Todavia, como tal, é uma realidade posterior aos tempos aqui em análise, não obstante ter principiado em torno de uma ermida ou capela que vinha do Século XIV e, depois, reforçada com um primitiva “igreja” e passos da Paixão no decurso o Século XVII, para durante o Século XIX, se transformar num centro de romagem e lazer laico-mundano da melhor sociedade bracarense e minhota; de passagem e fruição de tempos livres (para não dizer, por vezes, de verdadeira libertinagem “turística”. São destes tempos os extraordinários retratos e romagens de Camilo. No outro, (e até na sequência deste e das coisas que as “devoções (e diversões) em que se ia tornando o Bom Jesus, a implantação da devoção (e novo santuário) a N^a. Senhora do Sameiro, lá mais no alto do mesmo monte, “retirando” a devoção religiosa do meio do foguetório, das danças, dos cantares, dos folguedos e farnéis e dos aspectos meramente mundanos em que o Bom Jesus se tinha, entretanto, transformado. Realidades grandes, mas recentes.

Na vertente da associação, romagem e feiras e directamente dizendo respeito á realidade de um dos “distritos” de hoje, o caso das grandes feiras anuais de Ponte do Lima que atrai forasteiros (“romeiros”) de toda a parte. De facto, uma realidade muito recente, mas hoje das maiores manifestações laico-profanas de todo o Ente Douro e Minho.

2 Tudo isto, naturalmente, para além do facto indesmentível de que a romagem, a romaria e a devoção são inseparáveis dos aspectos laicos e mundanos que, indubitavelmente, carregam consigo. E tanto mais de ressaltar, quanto a sociedade do Antigo Regime em geral (que neste aspecto se prolongou muito para dentro do século XIX), era (e foi) uma sociedade compartimentada e comprimida por cânones

morais e comportamentais, que apenas se aliviavam (se quebravam ou, mesmo, se não respeitavam) durante estas manifestações de religiosidade. O que se passou com as fantásticas Procissões do Corpo de Deus (ou outras grandes devoções do calendário religioso) são o exemplo mais paradigmático que se poderá invocar. Tudo era, então, permitido no espaço (e no tempo) limitado do Sagrado: do adro, da procissão, da romaria e, nos prístinos tempos, dentro dos próprios edifícios de culto: catedrais, igrejas capelas e ermidas.

3. Deixamos também aqui de lado, (mas não é igualmente aspecto de Somenos, tanto sociológica como até economicamente), os interesses materiais articulados com as devoções: esmolas, amuletos, direitos e taxas, etc. que as várias entidades (e muitos particulares laicos) retiravam desses centros de romagem. Alguns se envolveriam, até, em lutas pelo controle desses centros, da titularidade e património desses locais, direitos de propriedade, apresentação, etc. No caso da realização de feiras, das respectivas taxas, licenças e direitos a cobrar. Mesmo quando a feira era franca dela se retiravam outros muitos benefícios. Uma caldeirada de ascetismo e diversão, de laicismo, profanismo e religiosidade, de comércio (do religioso ao profano), que são, de facto, entre outros aspectos, inseparáveis da análise profunda da romagem e da romaria. Passo, finalmente, a catarsis do sermão e a exploração, por vezes até ao extremo da lágrima e da convulsão emocionais de profundo impacto e consequências psicológicas, morais e comportamentais no seio de uma sociedade em dificuldades físicas genericamente esmagadas pelo trabalho e pela insuficiência, muitos no limite da miséria. Tudo carregado com a presença do quotidiano da morte que nos últimos tempos medievais se acentuou, mas que continuou, pelos tempos aqui em análise. Uma sociedade estreitamente entalada numa perspectiva temporal de vida muito limitada (25-30 anos) sendo muito raros os que ultrapassavam essa fasquia. Por outro lado, moral e religiosamente, interessadamente enquadrada e balizada pelos cânones teológicos quer pela persuasão, quer pelo argumento baculino. Bastaria lembrar o “santo apostolado” da Inquisição a que nem alguns clérigos e grandes puderam escapar. Rezar e espiar, cantar e dançar parece terem sido os lenitivos possíveis, as válvulas de escape, da fuga possível e as romarias (como o percurso das romarias), o espaço e o momento sagrados, o tempo e os locais da catarsis possível (e permitida ainda que sucessivamente cortada e cerceada), para esta sociedade. Isto é: a *Festa* (da romaria, da romagem, a que por vezes se acoplava a feira – de dimensão vária) seja de percurso, seja no remate final), na sua dupla dimensão do sagrado e dos elementos profanos que carrega, transporta e agrega a si. O muito relevante papel da *Festa* (com feira ou sem feira) nesta sociedade de Antigo Regime, em cujo ambiente laico-religioso se geraram e desenvolveram, de quando em quando, outros fenómenos de dimensão social, como até política, por vezes de graves e grandes consequências, sejam circunstanciais sejam até estruturais para (ou neste) tipo de sociedades de Antigo Regime (Cf. Yves-Marie-Bercé, *Fête et Révolte. Des mentalités populaires du XVI^e au XVIII^e siècle*. Paris. 1976).

Momentos de catrsis, de encontros e desencontros de vivências e sentimentos.

Mudaram-se muito os tempos mas não sei se a busca da romagem e da romaria o não será ainda hoje uma grande realidade, com esta seca sofreguidão do quotidiano, com todo o tipo de “divindades” que se inventam e se erigem neste universo físico da abundância e do supérfluo que também não satisfazem nem aquietam o homem de hoje. Na verdade, também aqui nada se perde tudo se transforma! Por isso, a romagem, retomada, por si ou em direcção a outros santuários, valores ou e /ou divindades aí, está perante os nossos olhos. Qual a melhor? Saia o romeiro que escolha!

III.

Romarias e feiras por Ponte do Lima e Arcos de Valdevez a meados do Século XVIII.

Duas observações de carácter geral mas directamente retirada destes textos e destas fontes documentais aqui utilizadas:

Aspecto que poderia ser objecto também de algumas considerações, mas que também aqui passamos, é a presença assídua de ermidas e capelas por todo o espaço da paróquia, de invocação vária (ainda que com a predominância de alguns devoções). Todas as freguesias destes concelhos, estão profundamente marcadas por esta realidade devocional e arquitectónica das Capelas e Ermidas. Umhas públicas, ditas do povo, outras particulares. Capelas e ermidas com as quais se marca, por vezes, alguma rivalidade vicinal dentro do mesmo espaço da paróquia ou freguesia personalizando, à miniatura, o espaço vicinal. A festa, a romagem dentro do mesmo espaço paroquial simboliza, sublinha e marca a personalidade do micro-espaço religioso, sendo que a vicinidade – que o religioso aglomera ou reforça – é, de si, uma estrutura de altíssima importância na vida tradicional das nossas aldeias” (Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *A Paróquia e o eu território. Antropologia do território*. Cadernos do Noroeste. Minho. Terras e gentes. Abril. 1986. Braga. U.M. 1986).

Estas Ermidas e Capelas, quando particulares, não são normalmente objecto de romagens, ainda que algumas o tenham sido. Mas a simbologia da sua presença é muito grande. A Capela e o Solar, são realidades, duas dimensões, quase inseparáveis no contexto minhoto (e não só, diga-se, na verdade). A preponderância económica e o selo do religioso que a Capela representava ou emprestava, é uma realidade sociológica (da sociologia religiosa e da sociologia laica) pesada e muito importante na sociedade do Antigo Regime. (Para mais não ilustrar lembre-se o testemunho de Jácome Ratton. Mesmo como estrangeirado e ilustrado, se quis ter mais representatividade e respeitabilidade social, também assim teve que proceder (cf. *Recordações*).

A segunda grande realidade para além da escatologia genérica da expiação e da salvação da alma, é a grande ligação do devocionário ao milagre e á satisfação das necessidades físicas, corporais do devoto, isto é, a “salvação” do quotidiano. Não, apenas, da alma A presença próxima da morte, por qualquer lado ou maleita que se anunciasse, debilitando a saúde física, ou procurando esconjurar debilidades, próximas pressentidas ou futuras – eis o móbil da generalidades das devoções e romagens. A devoção a certos santos, donde provinha protecção especial às colheitas ou animais domésticos faz parte da mesma dimensão: do assegurar e prevenir os recursos essenciais à manutenção da vida física, indispensáveis à boa manutenção ou preservação do estado sanitário dos corpos, sem os quais a vida imediatamente perigava. Fome e morte andam intimamente associados neste tipo de demografia do Antigo Regime. Podia evidentemente morrer-se de outras causas, mas esta associação é liminar neste tipo de sociedade, neste tipo de regime económico e social. (Ver nosso *Clima e colheitas em Portugal.1500 1850*).

Venhamos, finalmente, (que nos íamos dispersando) ao itinerário das ermidas, Capelas e devoções que a meados do Século XVIII atraíamromeiros e visitantes no circuito destes Concelhos.

A. Ponte do Lima.

A.1. Romagens com feiras associadas:

Ponte do Lima

Tem a vila várias Capelas. Não se faz, porém, menção a romagens em qualquer delas. A Matriz da invocação de Nossa Senhora da Assumpção, é o templo mais célebre e de maior nomeada – que “é grande Templo” – afirma Carvalho da Costa



pelos fins do Século XVII-inícios de Setecentos. (NB: Por 1729 a grande devoção era a da Senhora das Dores que então ganhou altar na Matriz e que tinha festejos de alguma nomeada nos finais do Século XVIII. (Posterior, pois, à memória do P. Luís Cardoso).

A Vila tinha uma feira regular (quinzenal), que vinha dos tempos medievais e que o burgo sempre manteve. Esta feira atraía gente de todo o lado, particularmente do termo mas também da vizinha Galiza (Virgínia Rau, *Feiras medievais portuguesas: subsídios para o seu estudo*. Introdução e índices por José Manuel Garcia. Lisboa. 1982). Assim se mantinha na altura aqui considerada sem se fazer alusão qualquer outra feira. (NB: Só mais tarde, no primeiro quarto do Século XIX – 1826 – se vem a instituir na Vila as hoje tão celebradas Feiras Novas de Ponte de Lima).

Arcozelo (Santa Marinha). Era um grande povoado com muitos vizinhos” (que incluía parte da vila de Ponte de Lima), os quais “por serem do Arrabalde vão no cômputo da Vila” (Costa: I.178).

Arcozelo era das poucas localidades com feira. Tinha uma feira franca (que substituíra, então certamente, as de Ponte do Lima ou então, a feira franca de Ponte do Lima tinha lugar aqui e Arcozelo. Realizava-se no dia de S. Gonçalo a 10 de Janeiro. A sua Ermida diz-se, ameados do Século XVIII, muito concorrida e a ela vinham muitos mercadores e tratantes. Este S. Gonçalo de Arcozelo “obra muitos milagres especialmente nos quebrados (i. é: falidos). Romagem e feira onde concorrem os povos vizinhos e em grande número (José Augusto Vieira).

Mas esta freguesia tinha ainda outras ermidas de romagem, também concorridas. Assim, a *Ermida de S. Miguel (do Arnado)*. Esta romagem e devoção tinham decaído consideravelmente, afirmando o P. Cardoso que deixou de ter romagem há cerca de 40 anos atrás. Diz-se “Capela antiquíssima e a ela vinham todas as procissões reaes porém, hoje, só vem a do Anjo da Guarda que (também) se deixou há cerca de 40 anos”.

Finalmente outra grande romagem e devoção nesta mesma freguesia: a romaria de S. Ovídio, na *Ermida de S. Ovídio*, no cabeço do monte fronteiro a Ponte do Lima, (donde se desfruta uma belíssima paisagem). Pertencia ao Convento de Vale de Pereiras. “Concorre a esta ermida muita gente por modo de romagem nas Oitavas do Espírito Santo”. Cardoso mais não refere, mas J. Augusto Vieira assinala o costume e a tradição de o romeiro levar ao Santo, como oferta como oferta, uma ou mais telhas. (Vieira. 258). Assim se poderia dizer a romagem da telha! (A simbologia da protecção de que ainda hoje andamos bem precisados! Valha-nos a telha ou as telhas de Santo Ovídio)!

Fornelos (S. Vicente) – Entre as muitas capelas desta freguesia só uma mostra ter tido romagem: a de S. Amaro “onde acode romagem no dia do Santo”. Imagem que obrava também muitos milagres. No seu dia aos (15 de Janeiro) realizava-se aqui uma feira franca onde concorriam bastantes povos das redondezas.

Freixo. (S. Julião) _Era um centro mercantil e um povoado importante a meados do Século XVIII. Na verdade, rivalizava com a sede do Concelho. Todas as terças-feiras de 15 em 15 dias, tinha feira ou *mercado franco* que durava todo o dia.

Tinha nomeada a Ermida de S. Cristóvão dos Milagres. Concorriam a esta ermida muitos romeiros mas, por meados do Século (c. 1758), está em declínio. A esta Ermida de S. Cristóvão, na colina do mesmo nome, “concorria muito povo não só das redondezas como de toda a Província e, até, do Reino de Galiza. Esta devoção já tinha sido maior mas assinala-se que “ainda hoje concorrem algumas freguesias, 2 ou 3 léguas ou três léguas em redor, com suas procissões”. “Declaro que S. Cristóvão dos Milagres é advogado do fastio e muitos por sua intercessão alcançam d'elle saúde”. Celebra-se a sua festa a 25 de Julho e nas Oitavas do Espírito Santo.

(NB: Não resta dúvida ter sido esta Ermida a mais importante e concorrida de romeiros de todas as dos Concelhos de Ponte do Lima e de Arcos de Vale de Vez, com renome e devoção que chegava às terras e gentes de Galiza.

A. 2. Ermidas e Capelas com simples romagens:

Em **Arcos-** (S. Pedro). A ermida **ou Capela de Santa Justa** (nos contrafortes da Serra d’ Arga). Tinha romagem a 17 de Julho “aonde acode muita gente e na véspera de S. Bartolomeu”. A Santa é “advogada daqueles que não têm filhos e quando lhos vão pedir levam de oferta frangos e frangas brancos”. É Ermida “muito visitada com clamores de muitas freguesias e romagens de toda a Ribeira”. Na sua proximidade é de nomeada uma fonte”de que se valem muito os romeiros que vem em romage” – acima do arruinado castelo da Formiga”. Segundo Augusto Vieira era Ermida toda cheia de tradições aonde acode muita gente como na véspera de S. Bartolomeu. Para o autor, esta devoção e esta romagem aparecem como um rival e contraponto ao vetustíssimo S. João de Arga, hoje (como então), uma das mais típicas e importantes romagens do Alto Minho no Concelho de Caminha. (Também com romagens e devoções se fazia despiques e primazias de vizinhança)!

Havia ainda a Ermida ou Capela de *S. Romão* “onde vai um clamor da freguesia, a 9 de Agosto e um nicho à *Senhora das Necessidades* onde acudia, também, alguma gente de romagem.

Em **Ardegão** – A Ermida de *S. Gonçalo* no lugar de Boimil “A esta Ermida vem a 10 de Janeiro procissões com clamor”.Têm obrigação particular as freguesias de S. Martinho de Mondim, S. Julião do Freixo, S. Tiago de Poiares e S. Salvador de Navió.

Em **Bárrio** (S. Miguel) – *Nossa Senhora do Amparo*. É de devoção recente (1758) mas atraía nesta altura já muita gente. (Tem imagem em um altar da Igreja). “Há couza de doze anos, mais ou menos, começou a fazer milagres... e aí vem (agora) várias pessoas de romaria e é costume festejar a dita Senhora principalmente no dia 8 de Setembro”. Recente, mas tem já “muita quantidade de pernas,

braços, cabeças, peitos, olhos de cera e muito concurso de ofertas de pão, milho e centeio, vestuário, panos de linho e seda e ofertas em dinheiro”. Há ainda nesta freguesia a Capela ou Ermida de *N.ª Senhora da Abadia*, no lugar dos Outeiros, que se festeja em 15 de Agosto onde concorre em romagem gente de várias partes”.

Em **Calheiros** (Santa Eufémia) – *Capela de S. Brás* no lugar de Marim, que no seu dia (que he a três de Fevereiro) há romagem e aonde vão as freguesias vizinhas com seus pendões. Aí “concorre muita gente e he obrigação das freguesias vizinhas irem a esta ermida com a sua Cruz”.

Cepões – Nesta freguesia é sobretudo de nomear a *Ermida da Senhora dos Remédios* no lugar de Sangens, com Festa a 5 de Março. A ela vem concurso de gente das freguesias vizinhas”. Tem ainda a *Capela de S. Pedro* no lugar de Mós que se festeja a 29 de Julho e ao primeiro de Agosto. É obrigação especial da freguesia de Calheiros que a ela vai por voto do Pároco com procissão com os fregueses cantando a ladainha”.

Correlhã (S. Tomé) – Cardoso nada refere para aqui por 1758. Carvalho da Costa porém, anota a devoção a S. Eudo, com Capela no adro da igreja, o qual obra muitos milagres particularmente nos doentes de maleitas e sesões. (Teria desaparecido ameaados do Século XVIII)? Por 1880 estava implantada e solidificada a devoção à *Senhora d Boa Morte* no último domingo de Julho “em que o povo *concorre com extraordinária* afluência, em que as próprias mulheres se revezam com os homens na condução do andor”. (J. Vieira).

Estorãos (S. Salvador) – Aqui era a Ermida de *S. Gregório*, no lugar da Pedreira, que tinha alguma, ainda que limitada romagem, Aí “concorre no dia da sua festa gente desta freguesia e de fora, mas pouca”.

Feitosa (S. Salvador) – *Ermida de S. Luzia* em cujo dia vem rezar algumas pessoas por devoção”. Parece te decaído nos tempos posteriores. Por 1880 era de maior devoção e festejo o Santo Amaro. (J.Vieira. 276).

Fojo Lobal – *Ermida de N. S. da Conceição*, (Agonia e Boa Morte) na Serra de Nor. Esta Ermida atraía muita mais gente que a anterior. A ela vinham em romagem vários povos da beira-mar em dia de S. Tiago, em 25 de Julho.

Fontão (S. Santiago) – Esta freguesia tinha bastantes capelas mas só a de *N.ª S.ª da Vitória* tinha alguma romagem: “a ela acode alguma gente a 8 de Setembro com dois clamores, obrigação especial das freguesias de Lanheses e S. Pedro.

Gondufe (S. Miguel) – Aqui se realizava uma romagem de muito maior dimensão que as anteriores. Era o *S. Lourenço*, com ermida no alto do Monte do mesmo nome, (donde se desfruta uma excelente panorâmica). No dia do santo, que

pronunciava a boa vindima com as primeiras uvas a poderem-se comer, concorria “muito povo de várias partes”.

Na **Labruja** – a Ermida de *Santa Cristina* tinha bastante fama. A ela concorriam várias freguesias com clamores e procissões”. Parece que se perdeu nos tempos posteriores para se ver substituída, na segunda metade do Século XIX, pela devoção do *Senhor do Socorro* – “o mais célebre santuário de todo Concelho”. “Esta romaria dura 3 dias e o povo é como um formigueiro e nela há sempre muita pancadaria entre os devotos das várias freguesias ou lugares”! (J. Vieira).

Moreira do Lima (S. Julião) – Tinha também esta freguesia muitas capelas mas sem romagem. Aqui preponderava, porém, a devoção ao Espírito Santo a cuja capela ou Ermida concorri muito povo. “Capela do *Divino Espírito Santo* em que se faz festa no dia do Espírito Santo e nas duas Oitavas. Aqui concorre muito povo de romaria e vários párocos com as cruces de suas freguesias fazendo clamores e satisfazendo votos”.

Nesta mesma freguesia, e na mesma Ermida, o *S Ovidio* atraía também muita gente de romaria “onde no seu dia e Domingo da Santíssima Trindade, concorre muito povo assim da freguesia como das de fora”.

Rebordãos – (Santa Maria). Tinha esta freguesia duas ermidas que atraíam alguns romeiros: a da *Senhora da Boa Nova* com festa na Terceira Oitava da Páscoa) e, sobretudo, a de *S. Brás* no dia da sua festa, a 3 de Fevereiro.

Rendufe (S. Salvador) – Aqui era a devoção a *Santa Luzia* a cuja Ermida acorria alguma gente de romagem” das freguesias visinhas. Vê-se, porém, que foi de maior devoção nos tempos anteriores. “Dizem, na verdade, que já foi maior do que hoje” (1758).

Ribeira (S. João) – Uma das freguesias com maior número de capelas Todavia, não se referem romagens para nenhuma delas. Mas ganhou uma, e ao que parece e grande, nos tempos posteriores – Pela segunda metade do Século XIX “era ruidosamente festejada a *Senhora da Abadia* com romagem em 15 de Agosto. Ainda na mesma freguesia, e por esta mesma altura a Ermida de *Santa Catarina* no cimo do monte do mesmo nome, em cuja ermida se faz também um pequeno arraial”. (J. Vieira), (NB: Em 1758 diz-se ser esta ermida do povo e ter sede de uma Confraria. Todavia, não se refere que, então, tivesse romagem).

Sá (Santa Maria de) – No monte que faz limite com Santa Maria de Arcozelo, erguia-se a *Ermida do Arcanjo S. Miguel*. Diz-se ser ermida muito frequentada de romeiros e devotos com procissões das freguesias vizinhas que a ela vinham em 8 de Maio e 29 de Setembro”.

Santa Cruz – Em Santa Cruz festejava-se *N.ª. Senhora do Livramento* em altar da Igreja. Não tinha, pois ermida própria mas era Imagem muito milagrosa e, por isso, frequentada dos moradores e romeiros que a ela vinham das freguesias vizinhas”.

Vitorino das Donas – (Foi sede do mosteiro de Vitorino das Donas). Aqui o *S. Bento*, com altar na Matriz, tinha alguma romagem e devotos. Na Segunda metade do Século XIX teve alguma repercussão de *S. António*, cuja Ermida, no lugar do Pessegueiro, possuía uns Calvários. (J. Vieira). (alguma devoção tinha Santo António por 1758 pois teve um altar na Capela de Santa Maria, sita nesse lugar do Pessegueiro, a qual se alega ter sido, em tempos, matriz desta Freguesia).

B. Arcos de Valdevez

B.1. Com Feiras:

Arcos (S. Salvador) – Esta vila em termos de mercado surge-nos por 1758 muito mais importante que Ponte do Lima. Na verdade, tinha *duas feiras* por mês: nos dias 3 e 14. Além disso, mais duas feiras anuais (francas) uma em dia de *S. Bento* a 21 de Março e outra a 11 de Julho junto ao convento dos Capuchos (de q é padroeiro o mesmo S. Bento). (Cf. Arcos – S. Paio)

Nos finais do século XVII-inícios do XVIII, Carvalho da Costa refere a Ermida, Capela ou Igreja de S. Bento, onde se venera o Santo. “Imagem milagrosa que atrai muitos romeiros”. Anota, então, apenas uma feira – a 3 de cada mês – disseminada



Arcos de Valdevez no Século XIX.
(Grav. em J. Vieira)

por em três locais diferentes: no terreiro entre o Espírito Santo e a Matriz – “sítio alegre e vistoso”; o segundo, no terreiro da Câmara no meio da Vila e o terceiro junto à porta de S. Braz. “Em todos estes terreiros há feira franca aos três de cada mês aonde concorrem muitos mercadores de Braga, Porto e Guimarães”. Feras coincidentes, pois, com a romagens a S. Bento.

Monte Redondo (S. Bartolomeu) – Tinha uma feira franca, aos 15 dias de cada mês. Era de nomeada a Ermida *S. António* que dava origem a romaria com feira: e “tem o Santo romagem frequentemente de todos os povos vizinhos especialmente no dia do Santo”.

Paçô – Outra localidade muito importante em termos d mercado e feiras. Aqui tinham se realizavam umas alargadas feiras francas, de 3 dias: uma a 25 de Março outra, a 15 de Agosto. Coincidiam com as romarias à *Senhora do Socorro* de Paçô. “São as mais notáveis não só destas partes mas de toda a Província de Ente Douro e Minho” – disse Carvalho da Costa.

Nossa Senhora do Socorro era de muita devoção e a ela concorria gente de muitas terras, (para mais, coincidente com as referidas feiras francas). “Imagem muito milagrosa e de antiga aparição no lugar do chamado Paço Velho. É venerada com romagens e com ofertas em todo o ano. Tem clamores que vêm das freguesias vizinhas. As romarias da *Senhora de Paçô* “são as mais concorridas do Concelho depois da Peneda”. Realizam-se a 25 de Março e 15 de Agosto com grandes romarias e feiras sobretudo notáveis pelo muito gado que aí concorre” (J. Vieira).

Havia ainda e a devoção e a Ermida de *S. Simão* com alguma romagem pois a “ela vão os doentes de maleitas várias e ali acham alívio para sua queixa”



Trecho de paisagem de Arcos de Valdevez. (Actual).
(Do site *Arcos de Valdevez*).

B. 2. Simplesmente com Romarias:

Aboim das Choças (S. Estêvão). *Altar de S. Estêvão* (advogado da mordedura dos cães. (NB: Crê-se que também dos maus vizinhos). Tem festa e romagem a 26 de Dezembro “em que concorre muita gente de romagem trazendo pão para benzer e outros o compram ali para o efeito. (Alguma feira de pão).

Álvora – “No dia de *S. António* vai alguma gente à sua Capela no lugar dos Barbeitos”

Arcos (S. Paio) – Tem capelas mas sem romagens (1758). *A Senhora dos Remédios* que hoje se venera, com romagem, na Freguesia de S. Paio dos Arcos (26 de Junho) é de implantação mais tardia. Carvalho da Costa refere, porém, que ao seu tempo à Igreja de S. Paio de Vila iam os Abades, com vara, nas procissões solenes que então se faziam no dia do Santo.

(NB: Tem Feira: ”por ser mista com a vila nela se faz feira franca no dia 3 de cada mês e um feirão no dia 14 (Cf. Arcos – S. Salvador).

Ázere (S. Cosme e Damião). Havia aqui (em tempos anteriores) uma Ermida a *S. Amaro* que tinha romagens. “Agora (c. 1758) como está em ruína, foi a imagem para a igreja e no seu dia há romagem de autoridades e povo no dia de Santo Amaro – a 15 de Janeiro – por ser muito milagrosa”.

Teve ainda outra Ermida e devoção, agora também em decadência: a Ermida ou *Capela de S. Miguel* onde houve antigamente romagem e se chamava *Ermida de S. Miguel da Veiga*. “Ermida muito antiga” – diz Carvalho da Costa – que no tempo de D. Teresa se chamava *S. Miguel da Veiga*. Aqui vai a Câmara dos Arcos no 3º Domingo de Julho em que se festeja o Anjo Custódio, acompanhando o seu mordomo que sempre é mancebo pobre e solteiro. Tinha, então, uma interessante tradição: no seu dia “dizem missa e ensaiam os cavalos de Requeijó aonde lhes dão um refresco de doces, chegam ao terreiro da vila e ali correm umas parelhas, lançam canas e fazem uma escaramuça dobrada com grande perfeição”.

Gavieira (Salvador) – Estamos no ponto mais elevado das Ermidas do Minho, donde se desfruta uma paisagem magnífica das terras do interior da Província. Acesso por caminhos ásperos mas de poesia e encanto! Um desafio ao físico mas ... uma lavagem aos pulmões ...e um bálsamo para a alma!

Instalada num lugar panorâmico, no *Pico da Gavieira*, a 2.467 m. de altitude, fica a Ermida, (hoje Santuário), de *Nossa Senhora da Peneda* ou Nossa Senhora das Neves. Já nesta altura (c. 1758) tinha romagens sucessivas, desde 20 de Junho a 20 de Setembro, em que se incluía o périplo pela ermida de *S. Bento* (no sítio do Cando). Às duas acode gente de romagem. (Já a havia nos inícios do Século XVII mas apercebe-se ser ainda de pouca monta (C. Carvalho da Costa). Então, (c.1758) acudia aqui “bastante gente”. Todavia, menos do que depois se verificará. sobretudo depois de o actual Santuário ter substituído a primitiva Ermida.



Senhora da Peneda. Devoção e bucolismo no coração da Montanha.

(Santuário actual).

(Foto: site *Senhora da Peneda*).

– *ermida* como era assim denominada ainda em 1758. Não sabemos sob que feição pois que vinha de longos tempos atrás – uma primitiva construção de invocação à *Senhora das Dores*. Teve origem em lendas e milagres mergulhados na penumbra dos tempos (pelo menos, desde o século XIII). A actual construção, posterior a 1758, tenta imitar o sacromonti do Bom Jesus de Braga, com escadórios monumentais e umas vinte capelas das quais treze com os Passos da Paixão e as mais consagradas à Virgem. Aí acorre hoje gente de todo o lado particularmente do Entre Douro e Minho como também de Galiza.

Nos finais do Século XIX era já muito maior o afluxo de gente não obstante as dificuldades de acesso ao local. Eis como descreve o templo e a romagem, um dos romeiros de então (c.1870-1880): “as alcovas das estalagens são o mais prejudicial em matéria de higiene para se dormir mas também o que há de ais pitoresco

em ajuntamentos populares ...e de menos escrúpulos de pudor na promiscuidade dos dois sexos... As capelas são a admiração e o pasmo dos romeiros” (J. Vieira).

Miranda (Santa Maria). Venerava-se nesta freguesia a *Senhora dos Remédios* que tinha um clamor com gente desta freguesia e S. Cristina e Pedreiro. Também na Ermida de *S. António* havia romagens no dia do Santo “com gente desta freguesia e de fora”.

Jolda (S. Paio). Dentre várias capelas, apenas uma tem romagem: a de *Nossa Senhora do Carmo*, “em cujas festas acode muito povo à solenidade”. No dia do Santo Padroeiro – *S. Paio* a 26 de Junho – concorrem muitos votos de várias freguesias em procissão “com todo o povo e todo o clero por ser Santo contra os bichos que costumam infestar as searas”.

Gondariz (S. Eulália). Tem a Ermida de *S. Lourenço* – que é lugar de romagem no lugar da Lombadinha. Ainda, *Nossa Senhora de Guadalupe* que é de romagem no seu dia. Já no início do Século era imagem milagrosa e sua capela muito frequentada de romeiros. (NB: No último quarto de Século XIX tinha *brilhante romaria* na segunda feira da Pascoela com invocação à Senhora da Guia (JV).

Grade (S. Maria). Nada se refere a ameados do Século XVIII, mas nos inícios havia romagens ao altar do *Santo Lenho* sobretudo na Oitava da Páscoa, a 3 de Maio, dia da Ascensão, 8 de Setembro e Primeira Oitava do Espírito Santo”(Carvalho da Costa).

Loureda (S. Miguel). Na Ermida de *S. Brás* se ajuntava muita gente de várias freguesias duas vezes no ano: a 3 de Fevereiro e, novamente, no mês de Junho”.

Monte Redondo – Ermida de *S. António* (em cujo dia havia feira franca. Vide supra) Esta ermida tinha romagem frequente de todos os povos vizinhos especialmente no dia do Santo. (No último quarto do XIX realizava-se romaria na ermida de *S. Amaro* “uma boa romaria”, a 15 e Janeiro (JV).

Padroso (Santa Maria) – A Ermida de *Sana Luzia* tinha, então, algum concurso de povo: “no dia da Santa vem a ela alguma gente de romagem”.

Portela (S. André). A Ermida de *S. Bento* no lugar da Mourisca era bastante concorrida de romagens, duas vezes no ano: a 21 de Março e 11 de Julho. “Hé santo que obra aqui muitos milagres”.

Prozelo (Santa Marinha). Refere apenas Carvalho da Costa que no dia da padroeira (*Santa Marinha*) “se faz festejos e também levam Santa Marinha ao rio quando querem chuva”.

Rio de Moinhos (S. Eulália). À Capela de *S. Caetano*, vulgarmente chamada de *S Cidrão*, concorre no dia do santo e também no decurso do ano, pessoas que sofrem de maleitas”.

Sabadim (S. Sebastião). Há muitas capelas nesta freguesia mas só a de *S. Amaro* tem romagem, no dia 1 de Janeiro. “Concorre povo a ele em quantidade de romagem, tanto do termo como de fora dele”.

S. Cosme e S. Damão (*S. Cosmade ou Cosmede*). Tem os festejos dos padeiros curiosas tradições que atraem romeiros e forasteiros das terras vizinhas. Tem tradição interessante. No princípio do Século festejava-se o Orago no primeiro Domingo de Agosto com danças e luta de fogaça no souto junto a Igreja” (C. Costa). “Tal como em Prozelo, S. Cosme é levado em procissão à fonte de seu nome e mergulhado nas águas para que venha chuva aos campos. “Operam-se curas a quem se lava sua fonte” (JV).

Souto (S. Pedro) Nesta freguesia acorria muita gente à Ermida de *Santa Rosália*, em domingos e dias Santos e principalmente na romagem e 15 de Julho. “pelos muitos milagres que a santa opera”.

Távora (S. Maria). À ermida ou Capela da *Senhora da Piedade*, em 26 de Julho, dia de Santa Ana, vem em romagem pessoas das freguesias e vizinhas”. Carvalho da Costa refere, anos inícios do Século, uma curiosa tradição para algumas fontes miraculosas nesta freguesia (que ainda hoje podem ser lugares e romagem visto que uma dessas fontes é, sem dúvida, de natureza medicinal: “Há aqui (junto à igreja) uma pia em que comiam porcos a qual benzeu um Arcebispo Santo a rogos de uma velha e tem tanta virtude que vindo beija-la gente com uzazeres, (maleitas várias), empolas na cara e outros semelhantes achaques, saram”. Francisco Brandão a pôs (i, é, a removeu) para a sua Capela e ali continua obrar Deus o mesmo”. Tem ainda a chamada *Fonte das Virtudes* onde se vem banhar a gente na noite de S. João e onde vem muitos de várias partes para o fazer. Uma outra Junto ao rio Lima a que chamam *Fonte das Caldas* que se frequenta na mesma manhã de S. João. “Cheira mal lavando nela as mãos mas dali a pouco cheiram suavemente”. (I. é: águas medicinais. Seguramente, águas sulfúrias ainda, para mais, com o designativo de *caldas*).

Távora (S. Vicente). À ermida de *S. António* “acode alguma gente no seu dia”.

Vale (S. Pedro ou *Nossa Senhora do Vale*). Tinha esta freguesia também várias capelas, mas aqui é a devoção sita na própria igreja que atrai romagens a *Nossa Senhora do Vale* ligada à tradição de várias aparições. “Vão à Senhora do Vale em vários tempos do ano vários clamores sobretudo na 2ª Oitava da Páscoa Pascoela e Espírito Santo”. Venerada pelo povo de largo circuito e visitada por clamores e romeiros das redondezas”. Uma devoção já muito enraizada e pujante desde os inícios do Século: “é muito frequentada de romeiros que a ela vem com clamores de várias e distantes partes, especialmente na Quaresma, Páscoa, em 25 de Março e a 15 de Agosto (C. Costa).



Serra da Peneda. Vale do Rio. Remanso e monumentalidade.

(NB: Site *Senhora da Peneda*)



Trecho do escadório monumental do actual Santuário da Senhora da Peneda.

(Grav. Século XIX. J.V., *Minho Pitoresco*).

Bibliografia: (sumária).

- Almeida Carlos Alberto Ferreira de, *A Paróquia e o eu território. Antropologia do território*. Cadernos do Noroeste. Minho. Terras e gentes. Abril. 1986. Braga. U.M. 1986)
- Barreiros Cónego Manuel de Aguiar, *Nossa Senhora nas suas imagens e no seu culto na Arquidiocese de Braga*. Braga. 1931.
- Capela José Viriato Eiras, cf. Cardoso
- Cardoso P. Luis, *Dicionário Geográfico*. Edição José Viriato Eiras Capela, *As Freguesias do Distrito de Viana do Castelo nas Memórias Paroquiais de 1758*. Braga. 2005.
- Costa D António da, *No Minho*. Porto. 1872.
- Costa Antonio Carvalho da, *Corografia Portuguesa*. Braga. 1868-1869.
- Crespo José, *Romarias do Alto Minho*. Em “Cadernos Vianenses. II. 1979.
- Leal Augusto d’Azevedo Barbosa Pinho, *Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa. 1873-1890.
- Lima, José da Silva – *A Feira e a Festa.* “Uma desordem fecunda” “Cadernos do Noroeste”. Minho. Terras e gentes. Abril. 1986. Braga. U.M. 1986.
- Link M., *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu’en 1799*. Paris. 1803-1805.
- Montenegro Maria Amélia, *Santuários Norte de Portugal*. Porto. Turisrul. 2000.
- Sanchis, Pierre – *Ambiguidade e ambivalência do fenómeno popular: a propósito das romarias portuguesas*“. Cadernos do Noroeste”. Minho. Terras e gentes. Abril. 1986. Braga. U.M. 1986).
- Santa Maria Fr. Agostinho de, *Santuário Mariano e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora*. Lisboa. 1707.
- Santa Maria P. Francisco de, *O Ceo aberto na Terra*. Lisboa. 1697.
- Silva Dinis da, *Por terras e Santuários de Portugal*. (s/l). 1956.
- Teixeira F. Gomes, *Santuários de Montanha. Impressões de Viagem*. Lisboa. 1926.
- Vasconcelos João de, *Romarias. Um inventário dos santuários de Portugal*. Lisboa. 1996.
- Vieira José Augusto, *O Minho Pittoresco*. Vol. I. Lisboa. 1886.
- Yves-Marie-Bercé, *Fête et Révolte. Des mentalités populaires du XVI^e au XVIII^e siècle*. Paris. 1976.

